

**LORDE COCHRANE E AS INDEPENDÊNCIAS NO NORTE DO
BRASIL: entrevista com o George Ermakoff**

**LORD COCHRANE AND THE INDEPENDENCES IN THE NORTH OF
BRAZIL: interview with George Ermakoff**

**LORD COCHRANE Y LAS INDEPENDENCIAS EN EL NORTE DE BRASIL:
entrevista con George Ermakoff**

Edyene Moraes dos Santos

Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –
UNESP/Assis. Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.
edyene.moraes@ufma.br / <http://orcid.org/0000-0002-6057-7106>

Johny Santana de Araújo

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Associado do
Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil e do Programa
de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí – PPGHB/PPGCP/UFPI.
johny@ufpi.edu.br / <http://orcid.org/0000-0003-3082-1785>

Roni César Andrade de Araújo

Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto do
Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal
do Maranhão – DEHIS/CCH – PPGHIS/UFMA.
roni.araujo@ufma.br / <http://orcid.org/0000-0003-0709-3812>

Recebido: 20/08/2023; Aceito: 19/09/2023; Publicado: 26/12/2023.

RESUMO

Em meados de julho de 2023, George Ermakoff, autor de uma das biografias mais recentes e bem-sucedidas sobre o Almirante Cochrane, aceitou o convite dos organizadores deste dossiê para compartilhar suas percepções sobre a trajetória e as contribuições de Cochrane, uma figura proeminente na consolidação da Independência nas províncias do norte do Brasil. Durante a entrevista, ele destaca a habilidade de Cochrane em liderar a Esquadra Imperial à vitória e discute a percepção das autoridades brasileiras e dos residentes das províncias do Norte sobre as ações de Cochrane. Ermakoff também sublinha a necessidade de uma revisão historiográfica para uma compreensão mais profunda do papel de Cochrane na independência dessas províncias. Finalmente, ele compartilha sua experiência na escrita de uma biografia sobre Cochrane e os desafios que encontrou durante esse processo.

Palavras-chave: Independência do Brasil; Esquadra Imperial; Thomas Cochrane.

ABSTRACT

In mid-July 2023, George Ermakoff, author of one of the most recent and successful biographies about Admiral Cochrane, accepted the invitation from the organizers of this dossier to share his insights on Cochrane's trajectory and contributions, a prominent figure in the consolidation of Independence in the northern provinces of Brazil. During the interview, he highlights Cochrane's ability to lead the Imperial Squadron to victory and discusses the perception of Brazilian authorities and residents of the Northern provinces about Cochrane's actions. Ermakoff also emphasizes the

need for a historiographical review for a deeper understanding of Cochrane's role in the independence of these provinces. Finally, he shares his experience in writing a biography about Cochrane and the challenges he encountered during this process.

Keywords: Independence of Brazil; Imperial Squadron; Thomas Cochrane.

RESUMEN

A mediados de julio de 2023, George Ermakoff, autor de una de las biografías más recientes y exitosas sobre el Almirante Cochrane, aceptó la invitación de los organizadores de este dossier para compartir sus percepciones sobre la trayectoria y las contribuciones de Cochrane, una figura prominente en la consolidación de la Independencia en las provincias del norte de Brasil. Durante la entrevista, destaca la habilidad de Cochrane para liderar la Escuadra Imperial a la victoria y discute la percepción de las autoridades brasileñas y los residentes de las provincias del Norte sobre las acciones de Cochrane. Ermakoff también subraya la necesidad de una revisión historiográfica para una comprensión más profunda del papel de Cochrane en la independencia de estas provincias. Finalmente, comparte su experiencia en la escritura de una biografía sobre Cochrane y los desafíos que encontró durante este proceso.

Palabras clave: Independencia de Brasil; Escuadra Imperial; Thomas Cochrane.

INTRODUÇÃO

Economista, administrador e editor, George Ermakoff formou-se em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia e Administração do Rio de Janeiro e fez especialização em Engenharia Econômica e Administração Industrial pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Também possui Pós-graduação em Administração de Empresas pela Harvard Business School, AMP-



Advanced Management Program. Atuou na indústria de transporte aéreo por 40 anos, ocupando diversos cargos de gestão e liderança na Varig, na Rio-Sul Linhas Aéreas e no Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias. Além da carreira empresarial, George Ermakoff se dedica à cultura e à história do Brasil, tendo publicado vários livros, como Bibliotecas Brasileiras; Genevieve Naylor: uma fotógrafa norte-americana no Brasil, 1940-1942; Rio de Janeiro 1840-1900: uma crônica fotográfica; Rio de Janeiro 1900-1930: uma crônica fotográfica; Rio de Janeiro 1930-1960: uma crônica fotográfica; Paisagem do Rio de Janeiro: aquarelas, desenhos e gravuras dos artistas viajantes, 1790- 1890; Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 100 anos; Augusto Malta e o Rio de Janeiro, 1903-1936; O negro na fotografia brasileira do século XIX; Juan Gutierrez: imagens do Rio de Janeiro,

1892-1896. É também organizador do Dicionário biográfico ilustrado de personalidades da história do Brasil e, junto de Alexei Bueno, organizou *Duelos no serpentiário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil: 1850-1950*. Ainda é coautor de *Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, 1590-2015*. Em 2003, criou a G. Ermakoff Casa Editorial Ltda., no Rio de Janeiro, que é uma editora especializada em livros de Arte e História. Em 2021, lançou uma biografia sobre o Almirante Escocês, intitulada *Lorde Thomas Cochrane: um Guerreiro Escocês a Serviço da Independência do Brasil*. O livro foi elogiado pela Folha de São Paulo como a “mais equilibrada” obra, em português, sobre o personagem histórico.

Entrevistadores: *Recentemente, no último dia 02 de julho, a Bahia celebrou os 200 anos de adesão à Independência do Brasil. Sabe-se que a relação das forças comandadas por Cochrane com as tropas portuguesas opositoras ao governo de d. Pedro foi marcada por uma série de confrontos diretos. De que maneira a vitória da Esquadra Imperial pode ser atribuída às habilidades pessoais do Almirante Cochrane?*

George Ermakoff: No caso da Bahia, o estado de beligerância se iniciou antes da proclamação da Independência. Em 15 de fevereiro daquele ano de 1822, chegou a Salvador o navio *Leopoldina*, trazendo a carta régia de nomeação do militar português Ignacio Luiz Madeira de Melo, para ocupar o cargo de governador das armas daquela província, em substituição ao brigadeiro brasileiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães. Na ocasião, o militar português também foi promovido à patente de brigadeiro. Apesar de Madeira de Melo ter sido militar de reconhecido valor, havia oposição a seu nome por parte da sociedade local. Alguns deputados brasileiros nas Cortes que o conheciam pessoalmente, por suas restrições, suspeições e preconceitos contra os brasileiros, consideraram-no o nome menos indicado para o posto. Os mesmos que o elogiavam como um homem honesto, o consideravam estúpido e ignorante. Porém, empossado, o novo comandante das armas ocupou Salvador, recebeu reforços militares vindos de Portugal, subordinou-se diretamente a Lisboa como exigiam as Cortes, e desconheceu o poder de D. Pedro, o príncipe regente.

Militares brasileiros descontentes passaram a desertar aos milhares, e se reuniram em armas no Recôncavo Baiano para fazer-lhe oposição. Começou então a luta armada e o cerco à capital, tendo os baianos recebido reforços de outras províncias. Em julho de 1822, D. Pedro enviou o militar francês Pedro Labatut, que recebeu a patente de brigadeiro, e o comando do chamado Exército Pacificador. Com ele foram desembarcados cerca de 260 soldados em Alagoas, e dali marcharam para a Bahia. Seguiram-se outros contingentes, como o de Pernambuco com 300 homens, um batalhão da Paraíba com 400 homens, e

mais o Batalhão Henrique Dias, com 1.100 homens sediados em Campinas, e posteriormente o Batalhão do Imperador, sediado no Rio de Janeiro, com 850 homens.

O bloqueio terrestre de Salvador e a luta de atrito impediam a entrada de gêneros alimentícios na cidade, o que provocou desenfreada alta nos preços.

O ponto alto da luta terrestre foi a batalha de Pirajá, em 8 de novembro de 1822, vencida pelos brasileiros, que impediram o rompimento de suas linhas pelas tropas portuguesas. Desde então a situação permaneceu estável, sem grandes vitórias militares de lado a lado, o que prenunciava um conflito de longa duração.

Destaque deve ser dado ao célebre João das Botas, oficial naval que comandou a resistência em Itaparica, repelindo as tentativas de invasão daquela ilha pelos portugueses, almejada por ser um importante ponto de trânsito de víveres.

Dada à situação, era necessário confrontar a ocupação portuguesa de Salvador mediante o uso do poder naval, impedindo-os de se abastecerem e de se comunicarem com Portugal. Logo após o grito de Independência, em 7 de setembro de 1822, o ministro José Bonifácio incumbiu o cônsul brasileiro em Buenos Aires a fazer um convite ao almirante escocês Thomas Cochrane, herói britânico das guerras napoleônicas, para assumir o comando da Marinha brasileira. Ele havia recém combatido as forças coloniais espanholas na guerra de independência do Chile e do Peru e, após ter cumprido sua missão com êxito, estava livre para servir ao Brasil. O intuito era expulsar definitivamente as tropas portuguesas da Bahia, Maranhão e da província do Grão Pará, missão que exigia o emprego da recém formada Marinha Imperial. Cochrane chegou ao Rio de Janeiro em 13 de março de 1823, tendo sido contratado e embarcado oito dias depois. Caldeira Brant, futuro marquês de Barbacena, na época residindo em Londres, havia indicado seu nome a José Bonifácio, sob a premissa de que **sozinho** aterrorizaria os inimigos, o que de fato aconteceu.

A esquadra portuguesa estacionada em Salvador era bastante superior à brasileira, tanto pelo critério de número de navios, de estado de navegabilidade das embarcações, poder de fogo, treinamento naval e disciplina. Porém, seu comandante, o chefe de divisão Félix de Campos, demonstrou claramente seu temor em enfrentar Cochrane. No dia 4 de maio de 1823, quando uma esquadra portuguesa composta por 11 navios navegava para o norte a 30 milhas a sudeste de Salvador, foi atacada pela esquadra brasileira que navegava vinda do leste, com vento de popa, em rota perpendicular. Cochrane que estava a bordo da nau capitânia rompeu a linha de batalha dos navios inimigos, contudo, seus outros navios não conseguiram acompanhá-lo em velocidade, deixando-o sozinho, sendo atacado pelos navios da esquadra portuguesa, que tentaram cercá-lo em meio a intenso canhoneio. A nau

Pedro I se esquivou dos inimigos, recebendo então a ajuda das fragatas *Piranga* e *Niterói*, além da corveta *Maria da Glória*, que confrontaram os navios portugueses, que se retiraram do combate. A tripulação dos navios brasileiros era composta por marujos britânicos, brasileiros e portugueses, sendo que esses últimos promoveram motins durante o combate em quatro dos sete navios que ostentavam a bandeira brasileira. Na nau *Pedro I*, dois marinheiros portugueses impediram que outros tripulantes retirassem pólvora do paiol, calando parte de seus canhões. No *Real Pedro*, por pouco não se entregou o próprio navio ao inimigo. Mesmo vendo a inferioridade da esquadra brasileira, Félix de Campos ordenou a retirada, indo se abrigar no interior da Baía de Todos os Santos, perdendo assim uma grande oportunidade de infringir pesadas perdas à esquadra brasileira. Cochrane teve então que reorganizar suas tripulações, substituindo os marinheiros portugueses por britânicos retirados de outros navios.

Como a esquadra portuguesa ficou entocada no interior da baía de Todos os Santos, protegida pela artilharia dos fortes, e não saía para confrontá-lo, em 13 de maio Cochrane decidiu instituir um bloqueio naval a Salvador, o que impedia a entrada de alimentos na cidade por via marítima, agravando a sua capacidade de abastecimento, já bastante comprometida pelo bloqueio terrestre. A inércia de Félix de Campos revoltou os comerciantes de Salvador, que já não tinham o que comprar ou vender, e passaram a exigir a sua substituição. Em resposta, o comandante português partiu para atacar a esquadra brasileira em 25 de maio e, ao invés de executar o ataque, ficou fazendo um reconhecimento, navegando à vista, e por um erro de avaliação, interpretou que a base de Cochrane em Morro de São Paulo estava fortemente armada, tendo então se retirado de volta a Salvador. A verdade é que a posição de Cochrane era bastante frágil, pois quando a esquadra portuguesa apareceu no horizonte, a nau *Pedro I* estava se abastecendo de água, enquanto os demais navios ancorados estavam sem condições de tomar uma iniciativa de combate frente a uma esquadra tão poderosa. A falta de agressividade do comandante português fechou-lhe a última porta que lhe restava, pois, além de faltar dinheiro, o estoque de comida só daria para alimentá-los por mais cinquenta dias.

Em 12 de junho, a ousadia de Cochrane mais uma vez se fez presente. Entrou protegido pela escuridão da noite no interior da baía de Todos os Santos com a nau *Pedro I*, juntamente com a fragata *Real Carolina* e a corveta *Maria da Glória*, e navegaram fazendo-se passar por uma força britânica entre os navios da esquadra portuguesa fundeados no interior da baía de Todos os Santos, com o intuito de atacar-lhes de surpresa. Todavia, em razão do vento ter ficado calmo e a maré enchente, o que lhes retardaria a fuga, desistiram do ataque. Serviu-lhe de reconhecimento para uma ação futura.

Em razão da situação desesperadora a que foram submetidos pelos bloqueios a Salvador, já no dia 20 de junho Madeira de Melo tomou a decisão de evacuar a praça, tendo a data de 2 de julho se mantido em segredo para que não fossem fustigados pelas forças terrestres brasileiras, na ocasião não mais comandadas por Labatut, mas pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Na data acordada, a evacuação das tropas começou às 4 horas da manhã e por volta do meio-dia todo o comboio português já navegava barra afora, em mar aberto. Eram 83 navios militares e civis transportando cerca de 12.000 pessoas, dos quais 10.000 militares e suas armas. Um informante foi avisar ao coronel Lima e Silva, que no mesmo dia tomou a cidade sem nenhuma resistência. Segundo o historiador Braz do Amaral, na ocasião, o Exército Pacificador contava com cerca de 13.000 homens em terra, e as tripulações das canhoneiras comandadas por João das Botas perfaziam um total de 710 homens embarcados.

A partir de então começou uma caçada empreendida por Cochrane aos navios que transportavam tropas, na sua maioria capturados nos dias subsequentes, durante a fuga para Portugal. Notabilizou-se nesta perseguição a fragata *Niterói*, comandada pelo inglês John Taylor, que os caçou até a foz do rio Tejo, capturando um grande número de navios inimigos.

Portanto, o triunfo da Marinha Imperial se deu mais pela inapetência de combate de João Félix Pereira de Campos, o comandante da Marinha portuguesa na Bahia, do que pelas habilidades pessoais de Cochrane.

Entrevistadores: *12 de outubro de 1823, D. Pedro I concedeu a Cochrane o título de Marquês do Maranhão, em reconhecimento por seus feitos na cidade da Bahia e na província do Maranhão. Segundo Varnhagem, a ideia do marquesado atribuído a Cochrane foi comemorada pelo “povo em massa”, no entanto, o mesmo autor lembra que no âmbito da Assembleia Constituinte houve discussão sobre a imprescindibilidade de tal referência. Afinal de contas, como a atuação de Lord Cochrane nas Províncias do Norte foi percebida pelas autoridades brasileiras e pela população dessas províncias, como por exemplo a do Maranhão?*

George Ermakoff: D. Pedro I concedeu o título de marquês do Maranhão a Cochrane, assim como também o condecorou com a Ordem do Cruzeiro, atualmente denominada Ordem do Cruzeiro do Sul, em reconhecimento aos serviços por ele prestados, expulsando as derradeiras forças coloniais portuguesas no Brasil, unindo todas as suas províncias sob a égide de um só império. Não foi uma iniciativa inédita, pois era comum oficiais, tanto do

Exército como da Marinha britânica, receberem títulos nobiliárquicos depois de terem realizado grandes feitos militares, assim como outras monarquias procediam de maneira idêntica.

Na questão suscitada na Assembleia Constituinte, o deputado nativista Francisco Gê Acayaba de Montezuma (aliás Francisco Gomes Brandão Montezuma, nome original antes da Independência) aproveitou-se para se opor à concessão feita a Cochrane, não especificamente por oposição ao nome do almirante, mas ao fato de ser estrangeiro, e principalmente para espezinhar o imperador. Montezuma já havia recusado o título de barão da Cachoeira que lhe havia sido oferecido em 1822 e era aliado dos irmãos Andrada, apeados do poder no ano seguinte. Contrariado, propôs na Constituinte que a concessão de títulos nobiliárquicos, que era de livre arbítrio do imperador, fosse regulada por lei, uma das propostas que irritaram o imperador, que por fim, por essa e por outras propostas que reduziam seu poder, acabou dissolvendo a Constituinte. Em seguida, Montezuma foi preso e exilado juntamente com José Bonifácio. Muitos anos depois, em 1854, Montezuma aceitou o título de visconde de Jequitinhonha com grandeza, oferecido por D. Pedro II.

Até o seu retorno à Corte no final de 1823, quase todos eram agradecidos a Cochrane pelos seus feitos de libertação das províncias do norte. As rusgas começaram quando a questão pecuniária relativa ao pagamento das presas veio à discussão. No caso específico do Maranhão, acredito que lá ele nunca foi uma unanimidade, primeiro por ter tomado partido na briga política das diversas famílias mais importantes da província, inimigas entre si, e o confisco de bens de cidadãos portugueses, cujo parentesco ou grau de amizade se entrelaçava na sociedade local. Na sua segunda estada na província no ano seguinte, havia até um plano engendrado pelo presidente Miguel Inácio dos Santos Freire e Bruce de assassiná-lo. Outra questão de discórdia foi a cobrança *manu militari* de 106 contos de réis, pagos pela província, que Cochrane genuinamente acreditava ser credor. Era parte do dinheiro por ele confiscado dos portugueses na captura de São Luís, e emprestado para pagar e desmobilizar as tropas do Piauí e Ceará, que passaram meses sem receber soldo. Como dali ele se retirou para a Inglaterra, para nunca mais voltar, possibilitou que seus detratores locais triunfassem na tarefa de desconstruir sua imagem, sem defesa, impondo-lhe uma fama negativa que, de certa forma, perdura até hoje.

Cabe aqui citar um pequeno trecho da correspondência de Cochrane endereçada à junta do Maranhão, transcrita por Luís Antônio Vieira da Silva, em sua obra História da independência da província do Maranhão 1822/1828:

Injúrias como estas podem se sofrer até certo ponto, mas imputações insultantes acrescentadas a vis tentativas para defraudar e enganar não se podem tolerar, tal, por exemplo, como a infame

falsidade promulgada em um decreto pelo mesmo Tribunal Português de Presas, no Rio, de que enquanto as tropas do Ceará e Piauí, generosamente, emulavam uma à outra em zelo desinteressado pelo serviço do império, a Marinha empregada no Maranhão só procurava roubar.

Entrevistadores: *Sabemos que está em curso um processo de revisão historiográfica a respeito da Independência do Brasil e o seu impacto nas províncias do Norte. Se fala que a expressão correta, que poderia abranger essas várias realidades, seria o termo “Independências”. Como a participação do Almirante Cochrane poderia traduzir a posição e o tratamento da Corte do Rio de Janeiro em relação a essas províncias periféricas?*

George Ermakoff: O almirante Cochrane foi contratado por D. Pedro I com a missão precípua de expulsar as forças coloniais portuguesas das províncias do norte do Brasil, para garantir a unidade territorial brasileira. Essas províncias tinham uma relação administrativa e comercial mais ligada a Portugal do que às províncias do centro-sul, o que as distanciavam do novo império. Sabemos que o imperador as queria unidas sob o seu manto, seja pelo potencial econômico da região, produtora de açúcar, algodão e tabaco, entre outros, como pela sua importância estratégica de posicionamento junto às outras províncias que já haviam aderido ao império.

Deve ser ressaltado que diferentemente da América Espanhola, que foi fragmentada em diversos países republicanos de língua espanhola, a iniciativa do imperador, com a ajuda de Cochrane, conservou no território do império todas as províncias de língua portuguesa. Somente a província da Cisplatina, de língua espanhola, incorporada pelo Reino Unido em 1820, posteriormente, deixou de fazer parte do Brasil. Pelo tratado de Montevideu, de 1828, tornou-se um país independente, denominado Uruguai.

Outro contexto a ser lembrado é que o Brasil não podia prescindir de províncias importantes como a Bahia, o Maranhão e o Pará. O atual estado do Amazonas (na época Rio Negro) fazia parte da província do Grão-Pará, só obtendo a sua autonomia em 1850, como província do Amazonas, território do qual também fazia parte o atual estado de Roraima. Portanto, o que estava em jogo era uma parte considerável do atual território brasileiro, incluindo a maior parte da Amazônia legal, território de nossa soberania, mas cuja importância transcende as nossas fronteiras.

Assim, a Independência do Brasil se realizou de duas formas distintas: a das províncias do centro-sul, pacificamente, em seguida ao grito do Ipiranga em 1822; e a da província da Bahia, em 2 de julho de 1823, seguida da adesão das províncias do norte, mediante o uso da força militar.

Depois da adesão das províncias do norte ao império, a primeira grande ameaça à unidade territorial do Brasil veio no ano seguinte com a Confederação do Equador, movimento revolucionário, republicano e separatista, liderado por Manoel de Carvalho Paes de Andrade, iniciado em Pernambuco em 1824, que pretendia a adesão das províncias do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, do Piauí e do Pará, para formar um país independente. Os revoltosos foram derrotados por forças conjuntas do Exército e da Marinha, tanto em Pernambuco como no Ceará, o que extinguiu a rebelião.

Entrevistadores: *Lord Cochrane esteve presente não apenas nos eventos da Independência do Brasil, mas também prestou serviços nas lutas independentistas na América do Sul, especialmente no Chile. Falamos sobre essa participação.*

George Ermakoff: Depois de cumprir a sentença de um ano de reclusão por sua condenação no caso da especulação da Bolsa de Londres, Cochrane foi libertado em 3 de julho de 1815. Mesmo preso havia sido reeleito para reassumir o seu próprio mandato, anteriormente cassado pelos seus pares. Depois de solto, voltou para a Câmara dos Comuns onde ficou até agosto de 1818, quando foi convidado por O'Higgins a assumir o comando da Marinha do Chile na luta contra a Marinha espanhola, que fizera de base o vice-reinado do Peru, e que posteriormente foi aniquilada e erradicada das águas do Pacífico. No Chile ele é considerado herói da Independência, sendo permanentemente reverenciado. Seus principais feitos foram a captura da inexpugnável cidade chilena de Valdivia, em 3 e 4 de fevereiro de 1820. Era o último bastião colonial espanhol encravado no território chileno, protegido por diversos fortes e baterias de artilharia que cobriam a entrada da baía de Corral. Cochrane fora conquistá-la com somente dois navios e, considerando a impossibilidade de atacar pelo mar, desembarcou seus homens numa praia, escalaram a colina em cima da qual se situavam os fortes e as baterias, tomaram uma a uma durante a noite, começando com o Forte do Inglês e terminando no Forte do Corral. No dia seguinte atravessaram a baía e tomaram o Castelo de Niebla e as demais baterias, nesta altura já abandonadas pelos seus defensores. A partir de então seguiram o braço de mar até a cidade de Valdivia. O outro grande feito foi a captura da fragata *Esmeralda*, na ocasião o melhor navio espanhol ancorado no porto de Callao, em Lima, fortemente protegido por artilharia de terra. Na madrugada de 5 para 6 de novembro de 1820, Cochrane invadiu o referido navio à frente de cerca de 250 marinheiros, transportados por 14 botes equipados com abafadores de ruídos nos remos, subindo ao convés daquela fragata tripulada por 320 homens. Depois de encarniçada luta corpo a corpo, Cochrane foi ferido na perna, porém

continuou lutando até a rendição da guarnição espanhola, o que permitiu ao grupo atacante retirá-lo das amarras, levando-o como presa de guerra.

Entrevistadores: *Em 1954, na edição número 19 da Revista de História da USP, Aldo M. Azevedo escreveu sobre o Almirante Cochrane: “homem de extraordinária coragem e de surpreendentes iniciativas, teve o desgosto de ver suas vitórias e conquistas se desvanecerem e se transmudarem em objeto de escárnio de seus compatriotas, pelas manobras fraudulentas das forças da inveja, do despeito e da malícia de seus inimigos, isto é, daqueles que se locupletavam com os abusos e negociatas da época”. Como as pesquisas recentes estão contribuindo para vislumbrar olhares renovados a respeito desse personagem e o que há de novo na historiografia sobre o assunto?*

George Ermakoff: É consenso geral que os feitos militares de Cochrane na Marinha Real Britânica durante as guerras napoleônicas foram extraordinários, tendo sido condecorado em 1809 pelo rei George III, sendo admitido na Ordem de Bath, reservada aos heróis de guerra britânicos, na época restrita a somente 36 membros.

Numa das minhas viagens de pesquisa à Inglaterra, tive a oportunidade de conversar com David Cordingly, eminente historiador naval britânico, e um dos biógrafos de Cochrane. Ao final da conversa, constatamos que tínhamos a mesma opinião. Se Cochrane não tivesse se envolvido na política, hoje seu nome estaria no mesmo patamar do almirante Nelson, os dois como os maiores heróis navais britânicos.

Na época, a política britânica era elitista, comandada por interesses econômicos dos membros do parlamento, em detrimento dos interesses do povo trabalhador, que pagava impostos, e que massivamente não tinham o direito de votar. Aliás, a maioria dos distritos eleitorais era controlada pelos grandes senhores de terras, que sempre elegiam os seus indicados, obrigados a atenderem aos seus interesses, principalmente os econômicos. Os parlamentares frequentemente aprovavam vultosas sinecuras distribuídas a políticos na forma de pensões, dinheiro vindo da coleta de impostos. Foi esse estado de coisas que Cochrane combateu como político, apoiando uma reforma eleitoral radical, o que despertou a ira dos seus pares que trabalhavam pelo status quo. Se tivéssemos que rotulá-lo hoje, apesar de nobre, seria um político de centro-esquerda radical. Tenho convicção de que Aldo Azevedo está correto quando insinua que a acusação e condenação pela especulação na Bolsa de Londres, que o afastou da Marinha e o fez cumprir um ano de cadeia, foi arranjada por desafetos políticos com o apoio do próprio governo. Não existem dúvidas sobre a culpabilidade de seu tio Andrew Cochrane-Johnstone, que aliás fugiu durante o processo, refugiando-se na França onde residiu até o fim da vida. Aproveitaram a

proximidade familiar, o fato de que Cochrane também investia em títulos naquela bolsa, para forjarem provas, e testemunhas, além de comandarem o próprio juiz do julgamento. Como já se passaram mais de duzentos anos do ocorrido, mesmo com toda a documentação existente, é impossível saber se o julgamento foi justo ou não, visto que o que pesou na sua condenação foram principalmente os testemunhos arranjados e a parcialidade do juiz.

Em termos do que aconteceu no Brasil, creio que o meu livro trouxe novas informações extraídas de fontes primárias que desmentem velhas acusações a Cochrane. Mesmo hoje, como ele é um personagem pouco estudado, muitos de nossos contemporâneos repetem-nas como um mantra, mesmo sem nem saber o porquê.

Entrevistadores: *Como foi a experiência de escrever uma biografia sobre Lorde Cochrane? Quais os maiores desafios encontrados durante esse processo?*

George Ermakoff: Ainda adolescente li uma biografia resumida de Cochrane em inglês, daquelas feitas para jovens, muito em voga na segunda metade do século passado. Já adulto, li a autobiografia do almirante, além de outras biografias mais recentes, todas em inglês. Em português havia a do vice-almirante Hélio Leôncio Martins, de escopo bastante limitado, reconhecido pelo próprio autor, que não teve acesso a fontes estrangeiras no desenvolvimento de sua obra. Com a aproximação das comemorações dos 200 anos da Independência, decidi escrever uma biografia completa de lorde Cochrane em português. Creio que li quase todos os textos escritos anteriormente sobre o personagem, assim como uma grande quantidade de documentos que formam um extenso arquivo de fontes primárias. O meu grande desafio não foi só reproduzir os fatos mais importantes de sua vida, que constavam em todas as biografias, mas encontrar informações novas nas fontes primárias para diferenciar o meu trabalho dos demais autores. O pior desafio foi involuntário. Eu já tinha escrito grande parte do livro quando fui passar uma temporada nos EUA, onde escrevi os capítulos 11 e 13. No dia 3 de março de 2020 retornei ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro no dia seguinte. Menos de uma semana depois fui internado no hospital Samaritano com Covid, o primeiro paciente com a doença naquele hospital. Fui internado, entubado, sedado por 25 dias, dos quais estive desenganado em três deles. Ao todo fiquei 45 dias internado no hospital, quase todos no CTI. Quando acordei da sedação e os médicos me disseram que eu não ia mais morrer, o primeiro pensamento que me veio à mente foi o de que o Cochrane, que apesar dos pesares, sempre foi um homem de sorte, depois de quase 200 anos finalmente teria uma biografia completa em português. Se eu

tivesse morrido, difícil seria juntar os capítulos já escritos, porquanto, devido a minha desorganização, os textos estavam espalhados em diversos computadores e hard drives externos, que só eu sabia onde estavam, e ainda faltava escrever o capítulo 14 e o epílogo. Depois da alta hospitalar, por não lembrar de quase nada do que eu já havia escrito, tive que pacientemente ler e reler todo o texto para poder recomeçar a escrita.

Entrevistadores: *Em nome da equipe organizadora deste dossiê, expressamos nossa profunda gratidão por sua contribuição. Estamos convencidos de que sua perspectiva sobre este período marcante da história do Brasil proporcionará uma compreensão mais rica aos nossos leitores. Receba nossos sinceros agradecimentos.*

Obra citada:

ERMAKOFF, George. **Lorde Thomas Cochrane:** um guerreiro escocês a serviço da Independência do Brasil. Curitiba: Casa Editorial, 2021.

Como citar:

ABNT

SANTOS, E. M.; ARAÚJO, J. S.; ARAÚJO, R. C. A. Lorde Cochrane e as independências no norte do Brasil: entrevista com o George Ermakoff. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 03 (ed. esp.), e2023.27, 2023. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e2023.27>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

APA

Santos, E. M., Araújo, J. S., & Araújo, R. C. A. Lorde Cochrane e as independências no norte do Brasil: entrevista com o George Ermakoff. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 9, n. 03 (ed. esp.), e2023.27, 2023. Recuperado em 26 dezembro, 2023, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e2023.27>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2023, Universidade Federal do Maranhão.

